

A Trajetória da Geopolítica: do banimento acadêmico pós-Segunda Guerra ao desenvolvimento da Geopolítica Crítica

The Trajectory of Geopolitics: from the academic ostracize after Second War to the development of Critical Geopolitics

La Trayectoria de la Geopolítica: de la prohibición académica después de la Segunda Guerra al desarrollo de la Geopolítica Crítica

Higor Ferreira Brigola¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo principal elaborar uma análise do histórico da geopolítica como uma área do conhecimento, tendo como recorte temporal do período pós-Segunda Guerra Mundial até o surgimento da corrente da Geopolítica Crítica, nos anos de 1990. Antes de dissertar sobre a trajetória da geopolítica no período selecionado, será abordada uma diferenciação conceitual e teórica entre a geopolítica e a geografia política, pois o trabalho aqui apresentado está remetido apenas à geopolítica, não entrando no mérito da geografia política, por isso a importância da diferenciação destas áreas que muitas vezes são tratadas erroneamente como iguais. É importante frisar que a geopolítica passou por diversas mudanças durante o período estudado, saindo de seu período clássico, também chamado de era de ouro, para um ostracismo e banimento acadêmico, e ressurgindo ainda nos anos finais da Guerra Fria, resgatando as propostas da geopolítica clássica assim como o surgimento de novas correntes, como o caso da Geopolítica Crítica, nos anos de 1990.

PALAVRAS-CHAVE: Geopolítica. Geopolítica Crítica. Histórico.

ABSTRACT: *The present study mainly aims at analyzing the history of geopolitics as an area of knowledge, taking the post-World War II period up to the emergence of the Critical Geopolitics current in the 1990s as the temporal selection. Before writing about this geopolitics' trajectory in the selected period, a conceptual and theoretical distinction between geopolitics and political geography will be approached, since the study presented here refers to geopolitics only, without going into the merits of political geography, therefore the importance of distinguishing these areas, which are frequently treated in a mistaken way as the same thing. It is important to emphasize that geopolitics went through several changes during the studied period, going from its classical period, also called the golden age, to an ostracism and academic banishment, and rearing in the Cold War's final years, recovering the classical geopolitics' purposes, as well as the emergence of new currents, such as the case of Critical Geopolitics, in the 1990s.*

KEYWORDS: *Geopolitics. Critical Geopolitics. History.*

¹ Universidade Estadual de Campinas. Rua Tapajós n° 70, 18.460-000, Itararé-SP. higorbrigola@gmail.com.

RESUMEN: *El objetivo principal de este trabajo es elaborar un análisis del historial de la geopolítica como área de conocimiento, tomando como corte temporal desde el período posterior a la Segunda Guerra Mundial hasta el surgimiento de la corriente de la Geopolítica Crítica, en los años noventa. Antes de discutir esta trayectoria de la geopolítica en el período seleccionado, se abordará una diferenciación conceptual y teórica entre geopolítica y geografía política, ya que el trabajo que aquí se presenta solo está relacionado con la geopolítica y no entra en el mérito de la geografía política, de ahí la importancia de diferenciar estas áreas, que a menudo son tratadas erróneamente como equivalentes. Es importante destacar que la geopolítica experimentó varios cambios durante el período estudiado, pasando de su período clásico, también denominado la era de oro, a un ostracismo y destierro académico, y reapareciendo aún en los últimos años de la Guerra Fría, rescatando las propuestas de la geopolítica clásica, así como el surgimiento de nuevas corrientes, como el caso de la Geopolítica Crítica, en los años noventa.*

PALABRAS-CLAVE: *Geopolítica. Geopolítica Crítica. Historial.*

INTRODUÇÃO

A ciência geográfica incumbida do papel de estudar as íntimas relações dos seres humanos com a natureza, inseridos no espaço geográfico, possui um amplo leque de subáreas, cada uma com suas próprias perspectivas de análise e embasamento teórico forjado no contato com outros campos disciplinares. Na Geografia, tanto na área humana quanto na área física, há diversas vertentes que podem ser inter-relacionadas entre si.

Tanto a geografia política quanto a geopolítica fazem parte deste vasto leque da geografia humana, e, embora muitas vezes tenham sido tratadas por sinônimos, as conceituações de ambas terminam por revelar diferenças entre as mesmas, não apenas em suas conceituações, mas também em aspectos metodológicos. Os trabalhos em geografia política e geopolítica foram amplos durante a primeira metade do século XX, sendo a primeira avaliada por Bowman (1942) como verdadeira ciência geográfica, em contrapartida à segunda, atacada fortemente como uma pseudociência, subserviente aos desejos expansionistas dos Estados Nacionais (LACOSTE, 1988).

A geopolítica passou por várias mudanças ao longo de sua trajetória enquanto uma área do conhecimento. Embora o surgimento do termo “geopolítica” tenha sido datado do início do século XX, alguns autores tiveram seus trabalhos publicados antes do surgimento do mesmo, o que nos remete a concluir que a geopolítica tem seu surgimento ainda no século XIX.

Autores como Rudolf Kjellen, Alfred Mahan, Halford Mackinder, Nicholas Spykman e Karl Haushofer vivenciaram a chamada “era de ouro” da geopolítica clássica, que predominou do fim do século XIX até o encerramento da Segunda Guerra Mundial (GÖKMEN, 2010). Os termos “era de ouro” e geopolítica clássica são aplicados em virtude ao período em que as turbulentas rivalidades entre Inglaterra, Alemanha, Rússia e EUA

influenciaram tais autores a desenvolverem teorias geopolíticas embasadas em uma visão de mundo nacional, com pesquisas e resultados que poderiam ser aplicados na prática, visando o desenvolvimento ou o acúmulo de poder de seus respectivos países no cenário internacional. Essas teorias se enquadram na visão de mundo da corrente realista das relações internacionais, teoria a qual compreende o sistema-mundo como anárquico e competitivo, no qual os Estados Nacionais se estabelecem basicamente e unicamente pelas relações de poder (MORGENTHAU, 2003).

Tendo essa discussão como premissa inicial, o objetivo deste artigo é fazer um histórico do desenvolvimento da geopolítica após sua época de ouro (após a Segunda Guerra Mundial) até o período da década de 1990, dando ênfase em especial ao surgimento da corrente anglófona da Geopolítica Crítica. Antes de fazer esse resgate histórico, torna-se de grande importância realizar uma diferenciação teórica entre a geografia política e a geopolítica, pontuando suas principais diferenças, reafirmando que o presente trabalho diz respeito apenas à geopolítica.

DIFERENÇAS CONCEITUAIS ENTRE GEOGRAFIA POLÍTICA E GEOPOLÍTICA

De acordo com Castro (2005), o termo geografia política apareceu pela primeira vez em textos do filósofo francês Turgot, em 1750. Turgot fez “[...] uma distinção entre uma geografia política teórica, identificada como uma ‘arte de governar’, e uma geografia positiva ou histórica, descrição do passado e do presente sob o ponto de vista da geografia política [...]” (MONTEIRO, 2014, p. 30), porém sem eliminar o caráter complementar de ambas no conjunto em uma mesma esfera do saber científico.

[...] em seu projeto de uma *Teoria da geografia política*, redigido enquanto estudante. Esta teoria foi apresentada como um “tratado de governo”, uma tentativa de formalização da intersecção do político e do geográfico, inspirado provavelmente no Livro IV de *O espírito das leis* de Montesquieu. Sua preocupação era demonstrar que o governo começa no estudo dos fatores geográficos da política, o que antecede à sua participação política e sobretudo à ação (CASTRO, 2005, p. 19).

Apesar do pioneirismo de Turgot, foi no século XIX com o alemão Friedrich Ratzel que a geografia política surgiu como campo de estudo acadêmico, e já o termo geopolítica somente apareceria no início do século XX com o sueco Rudolf Kjéllen. Seja qual for o termo preferido, nesse período inicial, em ambas, podemos observar a presença do que Whittlesey (1948) identificou como principal evento político localizado sobre a Terra: o Estado.

Baseado no princípio ratzeliano de que o Estado não é concebível sem seu solo, Moodie (1965) parte da premissa de que o campo de estudos da geografia política se divide em basicamente duas considerações essenciais. A primeira estaria na análise das relações entre a comunidade (Estado) e o ambiente físico, enquanto que a segunda preocupação surgiria a partir da ideia de que os Estados não são estáticos, pois estão sujeitos a mutações, resultantes em especial de suas relações externas.

Para Castro (2005), a consolidação da geografia política como disciplina acadêmica no século XIX se deu a partir do contexto europeu caracterizado pelas disputas territoriais entre os Estados Nacionais, assim como a projeção dos mesmos para fora do Velho Mundo: “E a contribuição de Ratzel foi demonstrar que essas ocorrências eram espacializadas e que sem o sentido geográfico as análises científicas ficariam incompletas” (CASTRO, 2005, p. 71). Nesse sentido, a autora coloca que o ramo da geografia política estava “[...] voltado para as questões relativas ao Estado: localização, posição, território, recursos, fronteiras, população, relações com outros Estados etc.” (CASTRO, 2005, p. 43-44).

Em contrapartida, o termo geopolítica foi utilizado pela primeira vez por Rudolf Kjéllen, em 1905, porém alguns autores geógrafos, militares e diplomatas já faziam geopolítica sem mesmo se utilizar do termo, casos do norte-americano Alfred T. Mahan e do britânico Halford J. Mackinder. Como demonstra Miyamoto, “[...] cada autor conceitua a geopolítica de forma distinta, mas todos parecem concordar em um ponto: ela apresenta-se de forma dinâmica” (MIYAMOTO, 1995, p. 22). O general-geógrafo Haushoffer, da Escola de Munique, a definia da seguinte forma:

[...] a geopolítica é a ciência que trata da dependência dos fatos políticos em relação ao solo. Apóia-se sobre as amplas bases da geografia, em especial da geografia política, doutrina da estrutura espacial dos organismos políticos [...] A geopolítica aspira a proporcionar as armas para a ação política, e os princípios que sirvam de guia na vida política. A geopolítica é a base da atuação política, na luta de vida ou morte dos organismos estatais pelo *espaço vital* (WEIGERT, 1943, p. 24, tradução nossa).

O estadunidense Weigert, não muito diferente de Haushoffer, aponta que:

[...] a geopolítica é a geografia política aplicada na política do poder nacional e sua estratégia na paz e na guerra [...] ao relacionar todo o desenvolvimento histórico com as condições de espaço e solo, e ao considerar a história determinada por estas forças eternas, a geopolítica tenta prever o futuro (WEIGERT, 1943, p. 25, tradução nossa).

Ainda Weigert (1943), para ilustrar de melhor modo as principais diferenças entre a geografia política e a geopolítica, situa a primeira na geografia e a segunda na ciência política. O geógrafo político estaria incumbido de analisar as relações espaciais entre os

Estados e, por sua vez, o geopolítico aprende a empregar os fatores geográficos na política. É importante frisar que a geopolítica não é realizada apenas por cientistas políticos, sendo uma área multidisciplinar, praticadas por militares, estadistas, geógrafos e historiadores, entre outros.

Autor do livro *Geopolitics – The struggle for space and Power*, Robert Strausz-Hupé (1972 apud MIYAMOTO, 1995, p. 23) considerou que “[...] a geopolítica proporciona as bases para os projetos de uma estratégia global, sendo a estratégia política sinônimo da arte do estadista”. Everaldo Backheuser, um dos precursores da geopolítica brasileira, contribui para a discussão ao apontar a geopolítica como “[...] a política feita em decorrência das condições geográficas” (1959 apud MIYAMOTO, 1995, p. 23). Castro (1999, p. 23) complementa a discussão ao definir a geopolítica como:

[...] ciência da vinculação geográfica dos acontecimentos políticos, [que] tem por objetivo principal o aproveitamento racional de todos os ramos da geografia no planejamento das atividades do Estado, visando a resultados imediatos ou remotos. Em razão disto, a Geopolítica pode ser considerada como um estudo dos precedentes históricos em função dos ambientes geográficos; os resultados destes estudos levam a conclusões práticas, aplicáveis ou não à atualidade.

Concluindo, enquanto a geografia política está direta e restritamente vinculada ao campo da geografia, a geopolítica se torna uma área multidisciplinar, estando também vinculada à ciência política. Quando se utiliza, por exemplo, de estudos de elementos pertencentes à topografia, estes sob a ótica da geografia política são abordados apenas como limites físicos, sem nenhuma dotação de valor estratégico. Em contrapartida, a geopolítica preocupa-se com os “[...] ‘movimentos’ destes elementos e na sua aplicação na formulação de uma política que visa fins estratégicos” (MIYAMOTO, 1995, p. 25).

Em comparação à geopolítica, a geografia política era então visualizada como uma ciência voltada apenas para análises científicas e incapazes de aplicabilidades práticas. Como demonstra Costa (2008), a geografia política estaria fadada a ser uma disciplina de caráter teórico, visando analisar as relações entre o Estado e seu território, e a geopolítica é mais utilitarista que a primeira, cabendo a ela formular estratégias voltadas às relações de poder entre os Estados, tendo como base os aspectos geográficos de um determinado Estado.

A GEOPOLÍTICA NA GUERRA FRIA: BANALIZAÇÃO ACADÊMICA, RELEVÂNCIA ESTRATÉGICA E A NECESSIDADE DE RESGATE

Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, a Europa, que até então fora o centro do mundo, encontrava-se em situação totalmente precária por ter sido o *locus* da guerra. O sistema internacional passou então a se orientar pela disputa entre dois novos polos emergentes, apoiados em sistemas político-ideológicos derivados de antagonismos – os Estados Unidos (EUA), representando o bloco dos países capitalistas e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), representando o bloco dos países socialistas. O mundo bipolar elevaria, brevemente, as tensões do sistema internacional de tal maneira que o período ficaria conhecido por “Guerra Fria”. Assim como a mudança estrutural do cenário global afetou as relações entre os Estados, a geopolítica também sofreu os efeitos desta mudança.

A geopolítica teve um papel fundamental nas estratégias nacionais durante as duas guerras mundiais. Por sua aplicabilidade prática, recebeu duras críticas sendo caracterizada como de natureza ideológica e expansionista, em especial as teorias desenvolvidas pelo alemão Karl Haushofer. Tais críticas levaram esta área do conhecimento a um ostracismo, desaparecendo das comunidades acadêmicas neste período.

Como lembra Lacoste (1988, p. 24), após o ano de 1945 “[...] não é mais de bom tom fazer referências à geopolítica”, e, com isso “[...] a geopolítica como subcampo da geografia foi abandonada em favor de uma geografia política que pretendia ser isenta de ideologias e compromissos com o Estado” (MONTEIRO, 2014, p. 32). Como bem lembra Smith (1984), a geografia política havia deixado de ser política. (apud MONTEIRO, 2014).

Esta geografia política que ressurgiu trouxe um propósito de “resgatar” seu viés científico, com fortes preocupações metodológicas. Os EUA foram praticamente o único país o qual os geógrafos passaram a fazer geografia política, enquanto que os geógrafos alemães, franceses e ingleses quase nada produziram devido aos revezes causados pela grande guerra.

Os norte-americanos, ao contrário, absorveram rapidamente os ingredientes do novo contexto mundial e de seu país, e dedicaram os anos 1950 às análises que pudessem refleti-los. Banida a geopolítica instrumental de inspiração alemã (Haushofer) ou mesmo norte-americana (Spykman), recuperaram e deram *status* acadêmico e científico à geografia política, na melhor tradição de Bowman, Whittlesey, e Hartshorne, na verdade os autênticos *founding fathers* dessa ciência no país (COSTA, 2008, p. 224).

Contudo, o novo cenário instaurado de disputa global por duas superpotências mantinha a necessidade de estratégias geopolíticas que defendessem o interesse nacional

em questão. Embora a geopolítica tenha sido exaurida dos meios acadêmicos, ela permaneceu viva dentro da *intelligentsia* estatal em ambos os países, mesmo sem a utilização de seu nome.

Dentre a *intelligentsia* estatal dos EUA o melhor exemplo a citar é, sem sombra de dúvida, George Frost Kennan, um diplomata que teve um papel crucial na criação da estratégia de contenção à URSS, que viria a se chamar Doutrina Truman. Como membro da *US Foreign Service*, Kennan foi enviado à Berlim em 1929 para estudar e aprender sobre os mais diversos aspectos da sociedade russa. “Ele completou seus estudos em 1931 e, eventualmente, se tornou o primeiro diplomata americano a receber treinamento especializado em assuntos russos” (HIXSON apud GÖKMEN, 2010, p. 54, tradução nossa).

Em 1946, como embaixador dos EUA em Moscou, Kennan enviou ao governo de Washington o famoso “*Long Telegram*”, o qual, de acordo com Dodds (2007, p. 209, tradução nossa) “[...] parecia mais reminescente de um sermão religioso do que um memorando de política, Kennan propôs que os EUA estivessem preparados para ‘conter’ as tendências expansionistas da União Soviética”. O telegrama foi publicado na revista *Foreign Affairs* em julho de 1947, formalmente intitulado como *The Sources of Soviet Conduct* e assinado como autor X, para proteger a identidade do autor.

De fato, “[...] a estratégia de contenção tem uma componente especificamente militar, que é produto da complexa e sutil combinação – uma síntese por assim dizer – dos principais aspectos das teorias do *Heartland* e do *Rimland*” (MELLO, 1999, p. 128), revelando grandes influências de Mackinder e Spykman na estratégia de Kennan. A questão a se pensar era que após vencer a Alemanha e dominar sua porção oriental, a URSS era a potência dominante do *Heartland*, e a estratégia dos EUA consistia basicamente em evitar que a expansão soviética chegasse ao *Rimland*. A contenção à URSS no coração da Eurásia e impedir que ela chegasse às áreas costeiras era um imperativo e, com isso, estratégias econômicas e militares foram criadas para que esta contenção se tornasse mais efetiva, casos do Plano Marshall e da Organização do Tratado Atlântico Norte (OTAN), e ainda:

Veio da oficialização deste conceito a teoria da estratégia de contenção de Truman e as variadas ações diplomáticas e militares de valorização estratégica das chamadas *fringe areas*, que resultaram na participação dos Estados Unidos no Pacto do Atlântico, na pressão diplomático-militar sobre a Grécia e Turquia, no engajamento militar nas guerras da Coreia e do Vietnã, no Tratado do Sudeste Asiático e em outras iniciativas de menor vulto (MATTOS, 2002, p. 25).

Do lado soviético, um geopolítico de elevado renome foi o almirante Sergei Gorshkov. Uma das obras de destaque deste geopolítico foi *The Sea Power of the State*, publicada em

1979. O almirante expôs a necessidade do desenvolvimento de um poder naval na URSS e defendia a importância das forças navais atuarem em todas as rotas, estreitos e passagens oceânicas, consolidando uma marinha com elevado potencial e que pudesse realizar missões das mais variadas naturezas, sendo militares, comerciais, pesqueiras e exploração de recursos naturais (GALLOIS apud PENHA, 2011), sendo, talvez, a ideia inspirada em Mahan. Desta forma, mesmo que a força naval russa tenha começado a se desenvolver apenas a partir da década de 1950, foi a um ritmo muito acelerado.

Gorshkov buscava advogar a presença soviética em todos os mares do mundo: “[...] no Mediterrâneo em 1966 e 1967 por ocasião da Guerra dos Seis Dias; no Índico em 1968 graças às facilidades acordadas com a Índia; em 1969 nas Caraíbas; e na década de 1970 na África Ocidental e Austral” (GORSHKOV apud PENHA, 2011, p. 77).

A entrada da URSS no Atlântico Sul, a partir da costa da África, se deu através do processo de descolonização, mais especificamente com a independência da Guiné Equatorial, em 1958. De acordo com Penha (2011), os objetivos soviéticos imediatos eram o isolamento da África do Sul, resultando no domínio geopolítico do cone sul africano e no controle da passagem dos oceanos Índico - Atlântico, atrapalhando a atuação dos navios petroleiros provindos do Oriente Médio. Os soviéticos:

[...] através de suas bases no eixo Angola/Moçambique/Novozareskaia (na Antártida) e por meios de seus submarinos nucleares, tinham condições de atacar embarcações ocidentais que patrulhavam as rotas marítimas na passagem Cabo da Boa Esperança, valendo-se da estratégia do “flexamento das rotas” (CASTRO apud PENHA, 2011, p. 86).

Percebe-se, então, que a geopolítica não desapareceu completamente, apenas deixou de circular nos ambientes acadêmicos e se vinculou nos setores estratégicos e militares dos governos envolvidos na disputa pelo poder global. É importante frisar que nos países de Terceiro Mundo, em especial nos países sul-americanos, o desenvolvimento da geopolítica se deu de maneira totalmente diferente dos Estados Unidos ou dos países europeus. Nos países sul-americanos a geopolítica aparece no início no século XX, porém restrita às escolas militares e não em ambientes acadêmicos, tendo uma pequena gama de autores civis que passaram a produzi-la. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, ao invés de entrar em ostracismo, a geopolítica teve um forte crescimento no subcontinente, em especial durante os regimes militares.

Mas no início de 1980 a geopolítica retornaria aos ambientes acadêmicos europeus, a partir de um autor muito conhecido tanto na área da geopolítica como da geografia política, o geógrafo francês Yves Lacoste.

Criador da revista *Hérodote*, com seu primeiro número em 1976, no ano de 1982 a revista foi publicada tendo como subtítulo *Revista de Geografia e Geopolítica*. Como

explicação Lacoste afirma que a revista trazia como objetivo, desde sua primeira edição, retomar discussões ideológicas e políticas em contrapartida à despolitização da geografia (COSTA, 2008), algo já apontado em seu livro *A Geografia Serve Antes de Mais Nada para Fazer a Guerra*, publicado também em 1976. Nesta obra o autor explana o elevado poder estratégico da geografia que, sendo apropriada pelo Estado, pode ser um poderoso instrumento de guerra, classificada por Lacoste como a Geografia dos Estados Maiores. Monteiro (2014) citando Lacoste coloca que o termo geopolítica passou a ser empregado pela mídia francesa para explicar os conflitos decorrentes da Guerra Fria, como a guerra entre China e Vietnã, a invasão soviética no Afeganistão e a Guerra Irã-Iraque, entre outros. Costa (2008, p. 246) procura uma explicação para a retomada do termo por Yves Lacoste, concluindo que:

Ao que tudo indica, portanto, o uso dessa malfadada palavra, que rotula há décadas, essa pseudociência (técnica ou arte, como preferem os “geopolíticos”) de tão triste memória em todo mundo, só foi incorporada como *label* por Y. Lacoste e seu grupo porque – do ponto de vista do *marketing* – ela seria mais adequada que a acadêmica e formal geografia política (COSTA, 2008, p. 246).

De certo modo, como lembra Hepple (1986), analistas afirmam que o retorno dos estudos sobre geopolítica foram resultados das grandes mudanças globais dentro do cenário da Guerra Fria após os anos 1960, como o forte crescimento militar e expansivo da URSS; o nacionalismo crescente no Terceiro Mundo (e depois o fundamentalismo islâmico); e a revolução cubana; assim como demais mudanças que saíram da órbita de segurança estritamente militar, exemplos como o lapso econômico desencadeado pela crise do petróleo. Mudanças que fizeram surgir “buracos” na grande estratégia dos Estados Unidos e que não poderiam ser resolvidos apenas pelo viés militar.

Com a necessidade fazendo a ocasião, surgiria então aquele que se tornaria o responsável pelo “resgate” do uso do termo geopolítica nos Estados Unidos, o influente Henry Kissinger que foi conselheiro de Segurança Nacional no governo Nixon em 1969, tornando-se depois Secretário de Estado em 1973. Em seus discursos e escritos, o termo geopolítica voltou a circular entre os mais diversos jornais da mídia popular, sendo muitas vezes também utilizado em suas memórias (HEPPLE, 1986). E por mais que Yves Lacoste tenha ficado conhecido por trazer nas academias o retorno do termo geopolítica, na verdade, Henry Kissinger foi o responsável pelo resgate do termo anteriormente ligado ao geógrafo francês. E ainda:

A falta de referência a Kissinger na geopolítica de Lacoste e da Hérodote também é curiosa. No segundo número da revista (1976), a capa trazia uma charge com vinte e cinco personalidades políticas e pensadores, em sua

grande maioria do campo de esquerda, em frente a um quadro negro escolar com o mapa europeu. Entre as personalidades desenhadas, na posição mais inferior da sala, estava Kissinger, o único com uma orelha de burro. Embora Lacoste e Kissinger estivessem em pólos opostos, não só no espectro ideológico, mas também em seus envolvimento diretos na guerra do Vietnã, a geopolítica é recuperada dos dois lados, sem que houvesse qualquer referência mútua (MONTEIRO, 2014, p. 39-40).

Ao examinar a geopolítica de Kissinger, Bull (1980) coloca que o autor estadunidense não utiliza este termo como algo determinado por aspectos geográficos na política mundial. Semelhante a Spykman, a geopolítica de Kissinger compreendia a necessidade de uma estratégia global para os EUA no cenário bipolar, buscando, então, uma balança de poder em um tabuleiro global que se encaminhava para quesitos de multipolaridade (HEPPLE, 1986). Nas palavras de Kissinger (1969, p. 81), “[...] o desafio mais profundo à política americana será essencialmente filosófico: desenvolver alguns conceitos num mundo que é militarmente bipolar e politicamente multipolar”. Em suma, Kissinger obteve dois importantes papéis no resgate da geopolítica de acordo com Hepple (1986, p. 27, tradução nossa):

[...] uma maior reflexão sobre estratégia global na tradição geopolítica. Em segundo lugar, e talvez no fim mais significativamente, popularizou a palavra geopolítica, que entrou na linguagem de uma maneira que nunca tivera antes, embora ao preço substancial de ambiguidade e confusão de significado.

Por fim, conclui-se que o resgate da geopolítica se deu em dois locais e momentos distintos e ao mesmo tempo independentes, pois não há referência mútua entre o autor estadunidense e Yves Lacoste. Talvez a baixa comunicação entre o mundo anglófono e francês naquele período possa ser o ponto chave desta falta de referência. Embora a antecedência deva ser dada a Kissinger, a questão que fica no ar é se esse autor possa ter dado os primeiros passos para o cenário que surgiria na França nos anos 1970, até ser então apropriado por Lacoste no fim dos 1970 e início dos anos 1980 com a revista *Hérodote*.

A GEOPOLÍTICA NO PÓS-GUERRA FRIA E A GEOPOLÍTICA CRÍTICA

Com o fim da Guerra Fria, os EUA, com o maior poder econômico e militar do planeta, se tornaram o país dominante do século XX, levando muitos analistas de relações internacionais a afirmarem o surgimento de uma nova era de unipolaridade do sistema internacional. O cientista político e filósofo estadunidense Francis Fukuyama classificou este período como o “fim da história”, uma vez que o triunfo do liberalismo-democrático representaria para a humanidade seu ápice do desenvolvimento. Raciocinava Fukuyama,

que a sociedade que surgira, a qual é classificada por ele como pós-histórica, “[...] por compartilhar um conjunto comum de valores e aspirações baseados na democracia e na liberdade individual e, por essa razão, estariam fadados a eliminar o uso da força militar como forma de resolver suas divergências” (SATO, 2000, p. 149).

Não que o poder militar e os conflitos deixariam de existir por completo, segundo o autor, mas que seriam subalternos às relações comerciais, um pensamento semelhante ao de Richard Rosencrance em sua obra *The Rise of the Trading State*, publicada em 1986. O argumento central defendido por Rosencrance é a constituição de um mundo onde os cenários políticos estratégicos estariam dando lugar ao mundo do comércio (SATO, 2000).

Porém, o mundo pós-Guerra Fria descrito por Fukuyama se tornara utópico. Mesmo com a vitória do capitalismo liberal, o mundo não se viu liberto da utilização da força militar, como demonstrado desde a primeira Guerra do Golfo (1991), e também na Guerra da Bósnia (1992-1995). Com o declínio do projeto socialista, tornou-se um quase consenso entre os mais diversos grupos políticos que o desafio se tornara o aperfeiçoamento do capitalismo liberal, que viu assim subitamente expandido o raio de ação de seus valores culturais, bem como a legitimidade de instituições ou organismos internacionais que o projetaram como símbolo da concretização do binômio liberdade-prosperidade (AYERBE, 2002).

Assim, o triunfo da proposta neoliberal tem acenado com a cristalização da atual ordem econômica mundial. E a nova ordem mundial anunciada por George W. Bush, em 1991, durou pouco tempo, pois a ascensão econômica da Europa Ocidental e Japão na década anterior, e, naquele momento também da China, levou muitos analistas a acreditarem que estamos diante de uma ordem econômica multipolar.

Por tais motivos, surgiram defensores da ideia de que a geopolítica, como modelo de formulação de políticas externas, passou a ser substituída pela geoeconomia, como Klaus Solberg Söilen. Assim como a geopolítica, a geoeconomia surgiu antes da criação de seu termo, pois, embora fosse estudada desde o início do século XX, o termo geoeconomia surgiu a partir de Edward Luttwak em seu artigo *From Geopolitics to Geo-Economics: Logic of Conflict, Grammar of Commerce*, publicado em 1990. O campo de estudo da geoeconomia está diretamente relacionado com a geopolítica, tendo como enfoque as relações econômicas internacionais (BARACUHY, 2015).

É impensável um fim da geopolítica e de formulações geoestratégicas a serviço do poder nacional, ainda que estas estratégias não sejam exclusivamente de caráter militar, podendo estar vinculadas ao fator econômico, cultural etc. A formulação do paradigma do Choque das Civilizações pelo cientista político norte-americano Samuel P. Huntington nos demonstrou isto, servindo como um dos alicerces teóricos para fundamentar a nova

estratégia de contenção dos Estados Unidos do pós-Guerra Fria, travestida de uma face cultural (ALBUQUERQUE; BRIGOLA, 2011).

Ao mesmo tempo em que é possível dizer que a geopolítica tradicional não está morta, também é inegável o surgimento de uma geopolítica diferente daquela que estava presente no cenário bipolar, baseada na “[...] primazia de critérios de *Soft Power* de influência e status, e é mais universalista e menos estatista na composição de atores que oferecem liderança global e política de influência” (FALK, 2012, p. 1, tradução nossa). E também diversos assuntos passaram a englobar a agenda de interesses de análise da geopolítica, como a geopolítica ambiental, a geopolítica dos recursos energéticos, a geopolítica das empresas transnacionais etc.

Neste caso, a geopolítica – aquela que ressurgiu depois dos anos 1970/80 e que deixou de lado a exclusividade das preocupações militares, incluindo novos temas de análise – expande seu leque de preocupações, englobando as questões econômicas, a cooperação internacional, assim como o reconhecimento da importância de atores não estatais no cenário internacional. De fato, aquela geopolítica clássica não morreu em face à geoeconomia, pois os conflitos militares e políticas estratégicas não deixaram de existir. De acordo com Baracuhy (2015, p. 1):

A Geoeconomia evoluiu da Geopolítica. Em sua concepção moderna, a Geopolítica designa o estudo da configuração de poder no sistema internacional e suas implicações para a competição política internacional e para a morfologia estratégica do espaço mundial. Tanto a Geopolítica quanto a Geoeconomia estão essencialmente associadas à competição geoestratégica por primazia e poder internacional no mapa-múndi. Mas a Geoeconomia particulariza a lógica Geopolítica e lhe ressalta a dimensão do poder econômico (BARACUHY, 2015, p. 1).

A questão é que a economia passou a ter uma importância global com a interdependência gerada no cenário internacional, e com isso a geopolítica deu uma atenção maior a este assunto, ao ponto que a geoeconomia estaria atrelada à geopolítica e não suplantando a mesma. “A Geoeconomia não substitui a Geopolítica tradicional; apenas lhe ressalta a dimensão do poder econômico” (BARACUHY, 2015, p. 1).

Ancorada nas mudanças que o pensamento geopolítico sofreu ao longo dos anos, uma nova escola anglófona denominada de geopolítica crítica passou a ganhar força a partir dos anos 1990. Esta nova corrente deixou de lado aquela geopolítica clássica com um forte viés militar, assumindo o discurso como objeto de análise nos parâmetros geopolíticos.

A geopolítica crítica teve como seus principais expoentes, nomes como John Agnew, Gearóid Ó Tuathail, Simon Dalby e Klaus Dodds. E, de acordo com Karol (2013), é uma área ainda em desenvolvimento no Brasil, sendo que as principais obras não foram traduzidas para o português.

Enquanto as abordagens tradicionais da geopolítica trazem as políticas do Estado como o foco de análise, a geopolítica crítica, de acordo com Gallardo (2007), aceita o Estado como o principal agente no cenário internacional, mas ao mesmo tempo não descarta a importância de demais agentes nas relações internacionais, como os organismos não-governamentais, as organizações internacionais e as empresas transnacionais, entre outros. Porém, com ampla influência de Foucault, o principal objeto de análise da geopolítica crítica é o discurso; analisar os discursos deferidos pelos estadistas, pelos intelectuais do Estado e pelas mídias, objetivando desvendar os interesses estratégicos por trás dos mesmos, é o foco desta nova escola.

[...] um discurso é sempre uma interpretação, uma narrativa de múltiplas realidades inscritas em uma ordem social ou simbólica específica. A representação discursiva não é, portanto, neutra; os indivíduos no poder são aqueles que são “autorizados” para produzir “realidades” e, portanto, conhecimento. Neste contexto, o poder é o conhecimento e a capacidade de produzir o que é considerado “verdadeiro” (GRONDIN apud GÖKMEN, 2010, p. 78, tradução nossa).

Para a geopolítica crítica, o discurso nas relações internacionais se apresenta como uma forma de poder, e a geopolítica, para esta escola, deve ser encarada como um ato discursivo através da qual os homens do Estado espacializam as políticas internacionais ao seu modo, pois todo discurso é dotado de um caráter ideológico, desprovido de neutralidade (Ó THUATAIL; AGNEW, 1992). Nas palavras dos autores Ó Thuatail e Agnew, a geopolítica é uma:

[...] prática discursiva em que os intelectuais da arte de governar “especializam” a política internacional, de tal forma a representá-la em um “mundo” caracterizado por determinados tipos de lugares, povos e dramas. [...] o estudo da geopolítica é o estudo da espacialização da política internacional pelos poderes centrais e os Estados hegemônicos (Ó THUATAIL; AGNEW, 1992, p. 192, tradução nossa).

Seguindo este raciocínio, Font e Rufí (apud KAROL, 2013, p. 51) ao elucidarem sobre a geopolítica crítica apontam: “Seu método consiste precisamente em analisar criticamente estas estruturas aparentemente sólidas e indiscutíveis, com o objetivo de oferecer perspectivas alternativas e, freqüentemente, desmascarar os mecanismos discursivos do poder estabelecido”. Complementando:

Tal análise nos permite ver como a vida social e política é construída através de discursos. O que é dito ou escrito por elites políticas – toda a comunidade de funcionários do governo, líderes políticos, especialistas em política externa e conselheiros – é resultado da adoção inconsciente de regras de vida, pensamento e fala que estão implícitas nos textos, discursos e documentos. Este grupo, por outro lado, também é considerado a elite

que guia as massas sobre como devem viver, pensar e falar. É assim uma forma de pensar pronta e tem semelhanças com as características das ideologias. (GÖKMEN, 2010, p. 79, tradução nossa).

Neste sentido, os discursos não são apenas discursos, pois constroem maneiras de enxergar o mundo. “Deste ponto de vista o discurso significa as regras e recursos conceituais que as elites políticas usam em contextos históricos particulares para ‘espacializar’ a economia política internacional em lugares, povos e disputas” (AGNEW; CORBIDGE, 2003, p. 48, tradução nossa).

Para elucidar mais claramente a discussão, os geógrafos da geopolítica crítica compreendem a geopolítica como uma estrutura tripartite e, de acordo com Dodds (2007), esta divisão foi realizada para compreender melhor o modo como a mesma funciona, sendo ela fragmentada em: geopolítica formal, geopolítica prática e geopolítica popular. A geopolítica formal seria aquela realizada nos âmbitos acadêmicos, em institutos estratégicos e *think tanks* enquanto que a geopolítica prática seria aquela praticada pelos dirigentes do Estado e, por fim, a geopolítica popular estaria relacionada aos efeitos da mídia e demais agentes da cultura popular que teriam um grande efeito sobre a população.

Conclui-se então que esta nova escola denominada de geopolítica crítica, embora traga algumas divergências em relação à geopolítica clássica, principalmente por não se ater no Estado como único foco de análise, ao mesmo tempo está diretamente relacionada à mesma, por buscar compreender as relações de poder interestatais ou entre Estados e demais agentes, mas com uma metodologia nova para os trabalhos e pesquisas em geopolítica que não se encontrava anteriormente aos anos 1990, com o foco na interpretação crítica dos discursos proferidos pelos executores das políticas hegemônicas no cenário internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferente da geografia política que possui um caráter apenas teórico, a geopolítica se apresenta como utilitarista e dotada de praticidade, sendo ela a utilização dos meios geográficos na projeção política de um determinado Estado. A geopolítica clássica tem seu início no final do século XIX por autores que ainda não se utilizavam desse termo, sendo que ele surgiria apenas no início do século XX.

Mesmo que após a Segunda Guerra Mundial a geopolítica tenha desaparecido dos meios acadêmicos por ser acusada de vínculo com ideais expansionistas, esta permaneceu dentro dos organismos formuladores de política externa das potências na bipolaridade, como o caso de Kennan nos EUA e Gorshkov na URSS. Apenas após os anos de 1980 é que a geopolítica retornaria a ser utilizada de bom tom, sendo resgatada nos EUA e França.

O contexto da Nova Ordem Mundial pós-Guerra Fria trouxe consigo um cenário completamente diferente daquele que coexistia com o período bipolar, com ascensão de novos atores e novas preocupações nas relações internacionais, o que acabou por influenciar os estudos geopolíticos. A velha geopolítica clássica, caracterizada pelo viés estratégico e militar não deixou de existir, mas é importante salientar que o leque de assuntos em geopolítica se tornou maior, abrangendo questões de economia, meio ambiente e integração regional, entre outros.

Por fim cabe destacar o surgimento nos anos de 1990 da geopolítica crítica, embasada em analisar os discursos proferidos por atores que moldam a política internacional, buscando compreender os interesses ideológicos e estratégicos por trás de cada discurso.

A geopolítica então não possuiu um conceito único, não é uma área do conhecimento dotada de imutabilidade, pois, mesmo sem perder suas raízes, ao longo de seu desenvolvimento foram constatadas diversas mudanças e incorporação de novas características, assumindo, como já citado por Miyamoto (1995), uma forma dinâmica.

REFERÊNCIAS

- AGNEW, J.; CORBRIDGE, S. **Mastering space**: hegemony, territory and international political economy. United Kingdom: Taylor & Francis e-Library, 2003.
- ALBUQUERQUE, E. S.; BRIGOLA, H. F. Geopolítica e ideologia na construção da hegemonia das potências atlânticas. **Sociedade e Território**, Natal, v. 23, n. 1, p. 21-36, 2011.
- AYERBE, L. F. **Estados Unidos e América Latina**: a construção da hegemonia. São Paulo: UNESP, 2002.
- BARACUHY, B. Geoeconomia: a lógica geopolítica no comércio mundial. **Política Externa**, São Paulo, 19 nov. 2015. Disponível em: <http://politicaexterna.com.br/2814/geoeconomia-logica-geopolitica-comercio-mundial/>. Acesso em: 21 dez. 2017.
- BOWMAN, I. Geography vs. geopolitics. **Geographical Review**, New York, v. 32, n. 4, p. 646-658, 1942.
- BULL, H. Kissinger: the primacy of geopolitics. **International Affairs**, London, v. 56, n. 3, p. 484-487, 1980.
- CASTRO, I. E. **Geografia e política**: territórios, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CASTRO, T. **Geopolítica**: princípios, meios e fins. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1999.
- COSTA, W. M. **Geografia política e geopolítica**: discursos sobre território e o poder. São Paulo: EDUSP, 2008.
- DODDS, K. Cold war geopolitics. *In*: AGNEW, J.; MITCHELL, K.; TOAL, G. (org.). **A companion to political geography**. Malden, MA: Blackwell, 2007. p. 204-218.

- FALK, R. **Is there new geopolitics?** 2012. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2012/08/201281123554276263.html>. Acesso em: 24 jul. 2017.
- GALLARDO, F. D. Contribución de la geopolítica crítica a la comprensión de la actual concepción de seguridad. **Revista Política y Estrategia**, Santiago, n. 108, p. 71-108, 2007.
- GÖKMEN, S. R. **Geopolitics and the study of international relations**. 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of International Relations, Middle East Technical University, Ankara, ISL, 2010.
- HEPPLE, L. The revival of geopolitics. **Political Geography Quarterly**, Oxford, OX, v. 5, n. 4, p. 21-36, Oct. 1986. Supplement.
- KAROL, E. **Geografia política e geopolítica no Brasil (1982 -2012)**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- KISSINGER, H. A. **Política externa americana**. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1969.
- LACOSTE, Y. **Ageografia**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papirus, 1988.
- MATTOS, C. M. **Geopolítica e modernidade**: a geopolítica brasileira. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002.
- MELLO, L. I. A. **Quem tem medo da geopolítica?** São Paulo: Edusp, 1999.
- MIYAMOTO, S. **Geopolítica e poder no Brasil**. Campinas: Papirus, 1995.
- MONTEIRO, L. C. R. **Segurança na América do Sul**: a construção regional e a experiência colombiana. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- MOODIE, A. E. **Geografia e política**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.
- MORGENTHAU, H. **A política entre as nações**: a luta pelo poder e pela paz. Brasília: UNB, 2003.
- Ó TUATHAIL, G.; AGNEW, J. Geopolitics and discourse: practical geopolitical reasoning in American foreign policy. **Political Geography**, Oxford, OX, v. 11, n. 2, p. 190-204, Mar. 1992.
- PENHA, E. A. **Relações Brasil-África e geopolítica do atlântico sul**. Salvador, BA: EDUFBA, 2011.
- SATO, E. A agenda internacional depois da guerra fria: novos temas e novas percepções. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, DF, v. 43, n. 1, p. 138-169, 2000.
- WEIGERT, H. W. **Geopolítica**: generaliz y geógrafos. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1943.
- WHITTLESEY, D. **Geografia política**. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1948.

Recebido: março de 2019.

Aceito: julho de 2019.